

RECENSÃO CRÍTICA DE LIVRO

Autora:

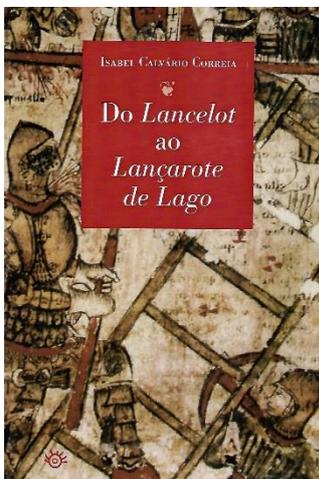
Eduarda Rabaçal

Título:

Isabel Sofia Calvário Correia, *Do Lancelot ao Lançarote de Lago: tradição textual e difusão ibérica do romance arturiano contido no ms 9611 da Biblioteca Nacional de Espanha*, Porto, Estratégias Criativas, 2015 (ISBN: 13-978-972-8257-58-3)

Como citar esta recensão:

Eduarda Rabaçal, “*Recensão crítica a Isabel Sofia Calvário Correia, Do Lancelot ao Lançarote de Lago: tradição textual e difusão ibérica do romance arturiano contido no ms 9611 da Biblioteca Nacional de Espanha*, Porto, Estratégias Criativas, 2015 (ISBN: 13-978-972-8257-58-3)”, in *Guarecer. Revista Electrónica de Estudos Medievais*, n.º 1, 2016, pp. 143-147. DOI: 10.21747/21839301/gua1r1



ISABEL SOFIA CALVÁRIO CORREIA, DO LANCELOT AO LANÇAROTE DE LAGO: TRADIÇÃO TEXTUAL E DIFUSÃO IBÉRICA DO ROMANCE ARTURIANO CONTIDO NO MS 9611 DA BIBLIOTECA NACIONAL DE ESPANHA, PORTO, ESTRATÉGIAS CRIATIVAS, 2015 (458 pp.; ISBN: 13-978-972-8257-58-3)

Eduarda Rabaçal
Universidade do Porto
SMELPS/IF (FCT)

O livro *Do Lancelot ao Lançarote de Lago: Tradição textual e difusão ibérica do romance arturiano contido no Ms 9611 da BNE* resulta da tese de doutoramento de Isabel Correia, professora na Escola Superior de Educação de Coimbra e investigadora de Seminário Medieval de Literatura, Pensamento e Sociedade, projeto permanente do Instituto de Filosofia, e remete para uma das narrativas que mais sucesso conheceram durante a Idade Média, considerando a quantidade de testemunhos e versões que a transmitem.

Ora, o manuscrito 9611 da Biblioteca Nacional de Espanha, um códice em papel com 355 fólios, redigido em meados do século XVI, que serve de base ao trabalho de Isabel Correia, preserva parte da tradução para castelhano do *Livre de Lancelot* – “el Segundo e Tercero libros de Don Lançarote de Lago”. É em torno deste manuscrito, pois, que o estudo procura posicionar o *Lançarote de Lago* na tradição textual do *Lancelot en prose*.

Para além da omissão da parte inicial, a autora adianta-nos também que este manuscrito não contém alguns dos episódios que encontramos na tradição francesa, ao mesmo tempo que integra Tristan como personagem da trama narrativa. Assim, perante a versão contida no manuscrito castelhano e a análise comparativa com os seus antecedentes franceses, Isabel Correia coloca algumas questões às quais procura responder ao longo da obra, entre elas, a data de tradução do romance na Península Ibérica perante a indicação no *explicit* que indica ter sido esta realizada em 1414; qual a família de manuscritos de que se aproxima mais o *Lancelot* ibérico; se as discrepâncias relativamente aos textos franceses conhecidos são da autoria do tradutor ou pertencem

já à versão francesa traduzida, actualmente desconhecida; e, finalmente, de que ciclo provém a matéria aqui narrada e se haverá outros testemunhos que reproduzam algum texto afim deste. A autora começa, então, por traçar o quadro da obra no contexto peninsular, recorrendo aos inventários de bibliotecas régias e nobiliárquicas e verificando a referência ao *Lancelot* noutros documentos, vindo a concluir que o romance existia de facto em algumas bibliotecas e que o seu conteúdo era bem conhecido.

Tentando estabelecer a relação entre o manuscrito 9611 da Biblioteca Nacional de Espanha e outros existentes no contexto peninsular, Isabel Correia oferece-nos anotações resultantes do trabalho de colação dos textos e da análise cuidada de cada um, a saber os fragmentos catalães, o manuscrito 485 da Biblioteca Nacional de Espanha (que reproduz um texto francês), o fragmento da biblioteca de Francese Mataró e o *Lançalot* de Maiorca, após o que conclui que circularam pelo menos duas versões diferentes deste romance na Península Ibérica.

Ainda na primeira parte da sua obra, a autora reserva um extenso capítulo (cap. 4) à análise da questão da tradução do *Lancelot* francês para castelhano, oferecendo-nos uma detalhada análise linguística. Aqui a autora teve em conta a presença de erros linguísticos, arcaísmos e outros traços que apontam para uma data de tradução muito recuada, não posterior ao século XIV, embora tenha considerado não ser possível determinar com rigor para que língua ibérica – galego-português ou castelhano – se terá efectuado a primitiva tradução anterior a 1414.

O estudo contém uma segunda parte dedicada à relação entre o *Lançarote de Lago* e a tradição francesa do *Lancelot*. A autora começa aqui por traçar um quadro do estado da arte, referindo as principais teorias sobre a concepção do *Lancelot* que circulam na comunidade científica, entre as quais as de autores como Ferdinand Lot, Elspeth Kennedy e Alexandre Micha, o que lhe permite seleccionar quais os textos franceses que possuem maior afinidade com o texto castelhano. Neste sentido, a autora chama a atenção para o manuscrito 751 da Biblioteca Nacional de França, que ela mesma edita e publica na revista online *e-Humanista*, 23 (2013) (<http://www.ehumanista.ucsb.edu/>), surgindo parcialmente reproduzido como anexo deste livro, cujo texto é discrepante das famílias de manuscritos conhecidas por apresentar provadas peculiaridades, entre elas a referência a Perceval ou as especificidades na redacção do episódio da Falsa Genevra, revelando ainda uma distinta organização narrativa do romance.

Após o confronto entre o *Lançarote de Lago*, o ms. 751BNF e outros testemunhos da tradição francesa, a autora conclui, entre outros aspetos, que o texto ibérico se aproxima muito da redacção deste manuscrito francês, visto que todos os episódios analisados possuem a mesma sequência e partilham as mesmas estratégias narrativas, bem como uma construção linear que difere das outras versões francesas. Para além disso, verificou também consonância no que diz respeito às temáticas, sendo em ambos os casos dado destaque ao valor da cavalaria e às relações feudais, o que por si só já torna estes textos de extrema importância pois fornecem informações preciosas acerca

da dinâmica da sociedade medieval do sec. XIII e das concepções teóricas do poder na organização feudo-vassálica.

No entanto, Isabel Correia também se apercebe que o *Lançarote* castelhano igualmente apresenta, em algumas passagens, semelhanças com outros manuscritos franceses (865 Grenoble, por exemplo). Assim, a autora irá também comparar mais detalhadamente estes manuscritos a fim de verificar em que pontos se encontram as semelhanças que manifestam, abordando questões tão diversas quanto incongruências relacionadas com más leituras resultantes de dificuldades linguísticas face à versão de origem, e especificidades de *Lançarote de Lago*, como a omissão de alguns episódios ou mesmo a divisão em livros. Contudo, provando-se que o manuscrito 9611BNE se afasta, a partir de certo ponto, de todas as versões francesas, a autora procura registar a influência de outros romances na construção do *stemma* do *Lançarote*.

Chegamos, assim, à terceira parte do livro, onde se procura estabelecer uma ligação entre o *Lançarote de Lago* e o constructo cíclico conhecido como *Pseudo-Boron*. A autora começa por esclarecer as duas perspetivas dominantes da crítica recente sobre a configuração cíclica do romance arturiano em prosa, representadas por Fanni Bogdanow, *The romance of the Grail* (Manchester, 1965), e José Carlos Ribeiro Miranda, *A Demanda do Santo Graal e o Ciclo Arturiano da Vulgata* (Porto, 1998).

Mais uma vez, através da colação de texto em que se procura analisar as referências ou remissões para outros romances que encontramos no ms. 9611BNE, Isabel Correia estabelece como referências, entre muitas outras, a alusão ao noivado de Artur e a Távola Redonda, retirada do *Merlin* e da *Suite du Merlin*; a referência a Keu como irmão de leite de Artur, que se encontra quer no *Merlin* e na *Suite du Merlin*, quer numa versão breve do *Tristán en prose* (ms. 757BNF); e até mesmo referências ao universo cíclico do Pseudo-Borón, representadas por pequenas interpolações. É neste contexto que os fólios finais (349r a 352v) merecem destaque, pois, ao reproduzirem uma narrativa que parece afastar-se do texto que a precede, torna evidentes as estreitas ligações com a *Suite (du Merlin)* e o *Tristan en prose*.

Coloca, então, a questão das circunstâncias em que terão ocorrido estas modificações, se em território ibérico ou se já teriam tido lugar em versões francesas do romance. A descoberta do fragmento arturiano da Biblioteca Comunale de Imola por Monica Longobardi, em 1987, reforça a ideia defendida por Isabel Correia de que poucas das divergências que encontramos no texto do manuscrito 9611BNE, relativamente às versões francesas mais comuns estudadas, terão tido origem na Península Ibérica, visto que este fragmento de Imola conserva um texto muito próximo daquele que consta no manuscrito ibérico. A autora adianta, assim, que todas as modificações ocorridas parecem apontar para a inequívoca integração do *Lançarote de Lago* numa configuração cíclica previamente existente, que terá sido integralmente traduzida na Península Ibérica.

As conclusões extraídas levam a reponderar toda a evolução da matéria literária referente a Lancelot, o que a autora concretiza logo nos capítulos iniciais do seu livro.

Assim, Lancelot terá surgido pela primeira vez pela mão de Chrétien de Troyes no *Lancelot ou le chevalier de la charrette*, cerca de 1170, em França. Tratava-se de um texto em verso em que eram narradas as aventuras do cavaleiro para salvar a rainha que tinha sido raptada. Contudo, apesar da inegável centralidade do jovem cavaleiro nesta narrativa, nada era dito acerca da sua identidade, origem ou predestinação. Isabel Correia adianta este como um dos motivos que levaram à posterior prosificação da obra de Chrétien. Ter-se-á, então, redigido o *Lancelot en prose* onde se procurava criar uma biografia do cavaleiro, extensa, em prosa, no registo quase historiográfico.

No entanto, a história desta narrativa não se ficou por aqui. Cerca de 1215-1225 terão sido redigidas outras obras que se vão juntar a uma versão aumentada do *Lancelot*, no qual se integra já a matéria do Graal. Este «ciclo», como veio a ser designado nos nossos dias, é composto pela *Estoire del Saint Graal*, *Merlin*, *Lancelot* e a *Queste del Saint Graal/Mort Artu*. Mais tarde, cerca de 1230, este ciclo de romances será ainda novamente expandido e modificado, dando origem ao ciclo do Pseudo-Boron, que para além das obras já referidas, incluirá ainda a *Suite du Merlin*, o *Tristan en prose* e uma *Queste del Saint Graal/Mort Artu* que integra matéria tristaniana, sendo do consenso geral que estas obras circularam pela Europa, incluindo a Península Ibérica, quer na versão original, quer sob a forma de traduções. Ora, é sobretudo neste ponto que a crítica diverge, visto que a filóloga Fanni Bogdanow advogava, na obra atrás citada, a inexistência de um *Lancelot* ibérico enquanto parte do ciclo, sendo este apenas constituído pela *Estoire del Saint Graal*, *Merlin*, *Suite du Merlin*, *Folie Lancelot* e a *Demanda do Santo Graal*. Esta posição foi, como indicámos, há mais de vinte anos posta em causa por José Carlos Ribeiro Miranda, que defendeu a presença, na Península Ibérica, de um ciclo na sua versão expandida, que incluiria um romance de Lancelot e um outro de Tristan, ou seja, o ciclo do Pseudo-Boron.

Ora, este estudo de Isabel Correia vem precisamente demonstrar/provar a presença de um *Lancelot* traduzido na Península Ibérica, perfeitamente ajustado ao ciclo constituído pelos restantes romances arturianos ibéricos – a *Estória do Santo Graal*, o *Livro de Merlim* e o *Livro de Galaaz* (ou *Demanda do Santo Graal*) –, estabelecendo ainda ligações diegéticas claras ao universo do *Gran Livro de Tristan*. De lembrar ainda que, em livro publicado anteriormente, Ana Sofia Laranjinha, *Artur, Tristan e o Graal* (Porto, 2011), tinha mostrado não ser a designada «Folie Lancelot» mais do que uma parte dessa redacção específica do *Livro de Tristan*, destinada a articular este romance com o ciclo do Pseudo-Boron. Completa-se, deste modo, mais uma peça no puzzle do romance arturiano ibérico, que fornece importantes dados acerca da redacção/tradução destes textos, bem como acerca da sua circulação e receção.

De salientar, por último, que este livro foi publicado no contexto das actividades do projecto «Inventário Arturiano do Ocidente Ibérico Medieval» (R&D Project «Western Iberian Medieval Arthurian Inventory» PTDC/CLE-LLI/108433/2008.